



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 27 – Ano XIII – 05/2025
<https://doi.org/10.70597/vozes.v12i27.728>

Participação de crianças com desenvolvimento atípico em projetos de estimulação aquática: uma perspectiva parental

Regina Alves de Oliveira
Graduada em Fisioterapia pela UFVJM
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri –UFVJM
Mestranda em Reabilitação e Desempenho Funcional na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri –UFVJM
<http://lattes.cnpq.br/2849916602343245>
E-mail: regina.oliveria@ufvjm.edu.br

Maria Thereza Santos Rocha
Graduada em Fisioterapia pela UFVJM
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri –UFVJM
E-mail: mariatherezar13@gmail.com

Prof. Dr. Wellington Fabiano Gomes
Fisioterapeuta pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Especialista em Ortopedia e Esportes (UFMG)
Mestre em Ciências da Reabilitação – Desempenho Motor e Funcional Humano (UFMG)
Doutor em Ciências Fisiológicas – Neuroimunoendocrinologia (UFVJM)
<https://lattes.cnpq.br/1098958641760734>
E-mail: wellington.gomes@ufvjm.edu.br

Prof.^a Dra. Rosalina Tossige Gomes
Fisioterapeuta pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFVJM)
Especialização em Terapia Intensiva Neonatal e Adulto pela Faculdade Unidas do Norte de Minas
Mestre em Ciências Fisiológicas pelo Programa Multicêntrico de Pós-graduação em Ciências Fisiológicas da UFVJM

Doutora em Ciências Fisiológicas pelo Programa Multicêntrico de Pós-graduação em
Ciências Fisiológicas da UFVJM
<https://lattes.cnpq.br/551075093119>
E-mail: Rosalina.gomes@ufvjm.edu.br

Prof.^a Dra. Rosane Luzia de Souza Moraes
Fisioterapeuta pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Especialização em Fisioterapia em Neurologia e Pediatria (Faculdade de Medicina/USP)
Mestre em Ciências da Reabilitação (Departamento de Fisioterapia e Terapia
Ocupacional/UFMG)
Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente (Faculdade de Medicina/UFMG).
<https://lattes.cnpq.br/7233582440213110>
E-mail: Rosane.morais@ufvjm.edu.br

Resumo: O desenvolvimento humano refere-se às mudanças físicas, cognitivas e psicossociais que ocorreram ao longo da vida. A primeira infância é crucial para o desenvolvimento cerebral e a aquisição de habilidades fundamentais, devido a isso é de extrema importância acompanhar o desenvolvimento infantil, visando promoção proteção e detecção precoce de eventuais alterações. “Crianças com desenvolvimento atípico” podem apresentar atrasos ou dificuldades motoras significativas, impactando a capacidade de participar em atividades e interagir na comunidade. A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) conceitua participação como “envolvimento em situações de vida”, sendo um elemento essencial para o desenvolvimento saudável. As deficiências e diversos fatores ambientais podem limitar essa participação e essas restrições podem variar de acordo com as necessidades individuais e as características do ambiente em que a pessoa está inserida. Este estudo teve como objetivo conhecer a opinião e a vivência de pais de “crianças com desenvolvimento atípico” sobre a experiência e participação dentro de um projeto de estimulação aquática. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo do tipo estudo de caso, realizado com participantes do “Nada Melhor: estimulação aquática para bebês”, um projeto de extensão desenvolvido pela UFVJM, na qual oferece uma abordagem gratuita e abrangente por meio da estimulação aquática para bebês. Para a seleção dos participantes utilizou-se a técnica de “amostragem por variedade de tipo”, seis pais participaram do estudo respondendo uma entrevista individual e semiestruturada, no período de janeiro a fevereiro de 2024. Os dados foram analisados por “análise de conteúdo” e foram identificadas oito categorias: o processo de adaptação e desafios enfrentados; a interação com outras crianças; facilitadores na participação; como os outros pais e crianças reagem; envolvimento da criança de forma integrada e igualitária; impacto no desenvolvimento cognitivo, linguagem e motor; impacto no comportamento afetivo-social; vínculo afetivo. A partir das percepções dos pais foi possível detectar benefícios no desenvolvimento global e no vínculo afetivo. Foram ainda apontados aspectos importantes, como barreiras e facilitadores na participação destas crianças.

Palavras-chave: desenvolvimento atípico; estimulação aquática; facilitadores e barreiras.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano refere-se às mudanças físicas, cognitivas e psicossociais que ocorrem ao longo da vida. Muitas linhas de desenvolvimento progridem de forma sequencial e independente ao longo dos anos, ao mesmo tempo em que interagem entre si (Khan & Leventhal, 2023). De acordo com o Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (2014), a primeira infância, do zero aos seis anos, é crucial para o desenvolvimento cerebral e a aquisição de habilidades fundamentais. Um desenvolvimento saudável nessa fase promove adaptação, aprendizado e sucesso acadêmico e pessoal.

Nesse contexto, as diretrizes do Ministério da Saúde (2012) enfatizam a importância de acompanhar o desenvolvimento infantil na atenção básica, visando à promoção, proteção e detecção precoce de eventuais alterações que possam influenciar seu futuro. Essa abordagem é viabilizada principalmente por meio de iniciativas educativas e do cuidado abrangente da saúde infantil. Além disso, a Política Nacional de Promoção da Saúde ressalta a necessidade de valorização dos procedimentos de acompanhamento do desenvolvimento infantil, incluindo aspectos motores, cognitivos e emocionais, como uma estratégia fundamental para a prevenção de deficiências nessa faixa etária.

Algumas crianças enfrentam desafios específicos que podem afetar seu desenvolvimento de maneira singular. O termo “crianças com desenvolvimento atípico” engloba uma ampla gama de perfis, cada um com suas características individuais e necessidades distintas. Essas crianças podem apresentar atrasos no desenvolvimento motor, dificuldades de comunicação, desafios sensoriais, entre outras condições que influenciam diretamente suas interações com o ambiente e seu processo de aprendizagem (Abreu, 2006).

O desenvolvimento motor em “crianças com desenvolvimento atípico”, muitas vezes se apresenta como uma área de desafio. Diversas condições como paralisia cerebral, síndrome de Down e Transtorno do Espectro Autista, podem afetar o desenvolvimento e a execução de habilidades motoras, resultando em atrasos ou dificuldades significativas. Isso pode impactar a capacidade da criança em participar em atividades cotidianas, interagir com seu ambiente e se engajar em brincadeiras com seus pares (Spinazola *et al.*, 2018).

A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) conceitua participação como o “envolvimento em situações de vida”, enquanto define a restrição de participação como “os problemas que um indivíduo pode enfrentar ao se envolver em situações de vida” (Adair *et al.*, 2015). A participação é um elemento essencial para o desenvolvimento saudável de todas as crianças e adolescentes, estabelecendo conexões com o seu envolvimento em atividades que promovem interações sociais. Essa definição enfatiza não apenas a natureza, mas também a abrangência desse engajamento, determinando reflexões sobre o senso de comunidade e pertencimento (Souto *et al.*, 2023).

De acordo com sua estrutura biopsicossocial, as deficiências e diversos fatores ambientais, tais como o contexto físico, social e atitudinal, podem limitar a participação das pessoas em atividades sociais e de lazer (Imms *et al.*, 2016). Essas restrições podem variar de acordo com as necessidades individuais e as características do ambiente em que a pessoa está inserida. Por exemplo, uma pessoa com deficiência física pode enfrentar barreiras físicas, como a falta de acessibilidade em espaços públicos, que dificultam sua participação em atividades sociais e recreativas. Além disso, atitudes negativas e estereótipos sociais em relação às pessoas com deficiência podem criar barreiras adicionais, limitando suas oportunidades de participação plena na sociedade (Anaby, 2018; Longo *et al.*, 2020).

Diante das características que a criança com desenvolvimento atípico pode apresentar, é indispensável a prática de atividades que contribuam para sua socialização, imaginação e comunicação. A estimulação aquática surge como uma estratégia eficaz para o desenvolvimento das habilidades motoras e sociais, essa prática oferece a oportunidade de participar em ambientes sociais variados, além dos que elas encontram em sua rotina diária. A água proporciona um espaço seguro e confortável para experimentar diferentes formas de movimento, promovendo não apenas a coordenação motora, mas também a confiança e a autoestima. A comunicação também é estimulada, seja por meio de gestos e expressões faciais dentro d'água, ou pela interação verbal com monitores e seus pares (Pereira e Almeida, 2017; McManus e Kotelchuck, 2007).

A integração da família nas atividades terapêuticas, recreativas e de estimulação como a estimulação aquática, não apenas fortalece os laços familiares, mas também promove uma abordagem integrada e colaborativa no apoio ao

desenvolvimento da criança. Os pais e cuidadores que estão envolvidos ativamente nas sessões terapêuticas são capazes de entender melhor as necessidades individuais da criança e contribuir de forma significativa para seu progresso (Barros, 2008). Além disso, essa participação engajada cria uma base sólida para a criança se sentir apoiada, valorizada e incluída em sua jornada de desenvolvimento, tanto dentro quanto fora do ambiente terapêutico, promovendo assim, uma experiência de inclusão mais rica e abrangente para a criança com deficiência e sua família (Kalleson; Jahnsen; Østensjø, 2021).

Partindo do pressuposto de que o ambiente aquático ofereça oportunidades propícias para a criança desenvolver novas habilidades, progredir nos domínios motor, cognitivo, afetivo e social, além disto, uma possibilidade de participação na comunidade, ou seja, com outras crianças de desenvolvimento típico, o objetivo do estudo foi conhecer a opinião e a vivência de pais de crianças com desenvolvimento atípico sobre a experiência e participação de suas crianças dentro de um projeto de estimulação aquática para crianças pequenas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Desenho do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, do tipo estudo de caso, realizado em Diamantina, um município com cerca de 47.000 habitantes, no interior de Minas Gerais, Brasil. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM, parecer 6.189.198.

O estudo de caso é uma abordagem de pesquisa que se destaca por sua análise detalhada de uma unidade específica. Seu objetivo principal é examinar minuciosamente um ambiente, um indivíduo ou uma situação particular. Essa metodologia oferece insights valiosos ao investigar aspectos específicos e complexos de um tema, permitindo uma compreensão mais aprofundada e contextualizada do objeto de estudo (Godoy, 1995; Sátyro; Dalbuquerque, 2020).

Amostra

A amostra do estudo é do tipo “amostragem por variedade de tipo”, na qual os sujeitos são selecionados por critérios de homogeneidade eleitos pelos pesquisadores, com número fechado de informantes (Turato, 2003). Os critérios de

inclusão no estudo eram ser pai ou mãe de crianças com desenvolvimento atípico e ter participado ou estar participando do projeto “Nada Melhor: estimulação aquática para bebês” nos anos de 2022 e 2023.

Seleção dos participantes

A seleção dos participantes foi realizada por meio de um convite online através do aplicativo Whatsapp ou por ligação telefônica a todos os onze pais que atendiam aos critérios, dos quais seis concordaram em participar do estudo e forneceram consentimento por meio do TCLE.

Participaram deste estudo, pais de crianças com idade entre 1 a 4 anos, admitidas no “Nada Melhor: estimulação aquática para bebês” (SIEXC 2023101202350520), um projeto de extensão desenvolvido pela UFVJM, no qual oferece uma abordagem gratuita e abrangente por meio da estimulação aquática para bebês. A iniciativa proporciona uma série de benefícios, incluindo a adaptação da criança ao meio aquático, o aprimoramento do desenvolvimento motor, a melhoria da coordenação, o estímulo sensorial e o fortalecimento do vínculo entre pais e filhos. Além de beneficiar os participantes, o projeto tem como objetivo o desenvolvimento de técnicas e metodologias no ensino de atividades aquáticas, proporcionando uma valiosa experiência acadêmica para os acadêmicos dos cursos de saúde da UFVJM, que atuam no atendimento ao público infantil. Com um foco inclusivo, o projeto acolhe bebês de 0 a 3 anos de idade, independentemente do seu desenvolvimento típico, apresentando ou não atrasos no desenvolvimento ou suspeita de alguma condição de saúde. Para as crianças com desenvolvimento atípico, há uma certa flexibilidade em relação à faixa etária; elas podem ser aceitas ou permanecer no programa mesmo que ultrapassem ligeiramente a idade máxima estabelecida. As atividades são realizadas duas vezes por semana nas instalações do prédio de Fisioterapia, localizado no Campus JK.

Procedimentos

Um roteiro de entrevista estruturada, comum a todos os voluntários, foi aplicado. As perguntas foram: (1) Como tem sido a participação da sua criança durante as aulas do Nada Melhor? (2) Como os monitores, outros pais e crianças têm se comportado: favorecendo ou dificultando neste processo? (3) O que você sente em relação à forma com que os outros pais e crianças reagem a você e a sua

criança? (4) O que você sente em relação à forma com que os monitores reagem a você e a sua criança? (5) Você sente sua criança integrada e participando de forma igualitária? (6) O esforço tem sido apenas seu, ou você percebe isso por parte dos outros pais e/ou monitores? (7) Qual tem sido o impacto no desenvolvimento do seu filho? Considere os aspectos cognitivos, linguagem e motores. (8) Qual tem sido o impacto no comportamento do seu filho? Considere os aspectos afetivos e sociais. (9) Qual tem sido a importância da participação no projeto para o vínculo afetivo entre você e sua criança? (10) Há algo que poderíamos aprimorar para uma efetiva integração, ou seja, sua criança participar de forma igualitária, no projeto Nada Melhor?

As entrevistas foram realizadas pelo Google MEET com horário estabelecido pelos participantes, no período de Janeiro a Fevereiro de 2024. Estas foram realizadas sempre pela mesma pesquisadora em reunião instantânea com apenas o entrevistado, para garantir a privacidade do voluntário. As entrevistas foram registradas por meio da gravação de tela (aplicativo OBS Studio). A duração média das entrevistas foi de 16 minutos (mínimo de 09 minutos e máximo de 27 minutos) e todas as falas gravadas foram transcritas na íntegra. Os participantes foram identificados como “Pais/Mães” seguido por um algarismo de um a seis para garantir o anonimato.

Análise de dados

Após a transcrição, as entrevistas foram analisadas por meio da técnica de “análise de conteúdo”, uma técnica de pesquisa qualitativa empregada na análise e interpretação de um conteúdo textual, como a entrevista. Ela busca identificar padrões, temas e significados presentes nos materiais analisados, proporcionando uma compreensão mais profunda do conteúdo (Santos, 2012). Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo envolve uma série de etapas, incluindo a pré-análise (organização e preparação de dados), a exploração do material (codificação e categorização) e a interpretação dos resultados. A partir dessa técnica foram realizadas leituras flutuantes do conteúdo transcrito e estabelecidas categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo cinco mães e um pai, com idade média de 33,5 anos (± 7.48), três deles com ensino médio completo e os outros três com ensino superior. Eram pais de crianças com desenvolvimento atípico: um com paralisia cerebral, um com mielomeningocele, um com mutação genética do gene SCN1A, um com síndrome de down e paralisia cerebral, um com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e um bebê de alto risco.

Após a análise de dados foram identificadas oito categorias: (1) O processo de adaptação e desafios enfrentados; (2) A interação com as outras crianças; (3) Facilitadores na participação; (4) Como os outros pais e crianças reagem; (5) Envolvimento da criança de forma integrada e igualitária; (6) Impacto no desenvolvimento cognitivo, linguagem e motor; (7) Impacto no comportamento afetivo-social; (8) Vínculo afetivo. Estas serão apresentadas e discutidas a seguir.

1. O processo de adaptação e desafios enfrentados

Cada criança tem seu próprio ritmo e estilo exclusivo de se envolver em relacionamentos e interações, expressar emoções e demonstrar curiosidade. Elas desenvolvem uma abordagem singular para lidar com as diferentes situações que enfrentam desde o nascimento, à medida que experimentam sensações de desconforto ou incerteza diante de aspectos novos que despertam necessidades e desejos, demandando delas novas formas de resposta (Brasil, 2013).

“[...] aos poucos foi se adaptando a questão da água
[...] no geral é isso, ela gosta bastante”. (Mãe 1)

“[...] no começo deu trabalho né, como se fosse
qualquer outra criança”. (Mãe 2)

“[...] com o passar do tempo, ele foi se acostumando, foi
gostando e participando mais do projeto”. (Mãe 3)

De igual forma ocorre com crianças com desenvolvimento atípico, porém, estas apresentam ainda alguns desafios, considerando as suas comorbidades. O estudo de Kalleson, Jansen e Østensjø (2021) demonstra que crianças que enfrentam desafios de saúde desde cedo tendem a participar menos de atividades dentro de seus lares e comunidades em comparação com crianças sem deficiência.

No discurso abaixo um pai destaca a sensibilidade de sua filha ao calor e à agitação do ambiente, que muitas vezes desencadeiam crises convulsivas.

“[...] a agitação e a música era prejudicial a ela [...] ela é sensível ao calor então ela tinha crises muitas vezes [...] se no dia que ela fosse a água não tivesse tão quente, o ambiente não tivesse tão quente com certeza eu voltaria porque ela ama brincar com água”. (Mãe 6)

No contexto da CIF, as restrições na participação são compreendidas como um produto das interações em constante evolução entre um indivíduo e seu ambiente, indo além das meras implicações de sua condição de saúde ou das restrições em sua função corporal e estrutura anatômica (Rosenbaum; Gorter, 2012). A participação é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo, mas não limitados a desafios relacionados à saúde, características familiares e ambientais. Esses desafios podem abranger a idade e a complexidade do estado de saúde do indivíduo, variáveis familiares como renda e papel familiar, e elementos ambientais como disponibilidade de recursos e suporte (Marino *et al.*, 2018).

Os relatos dos pais destacam questões importantes relacionadas à acessibilidade e adequação do ambiente para crianças com deficiência. No trecho abaixo um dos pais menciona a preocupação com a ocupação indevida dos banheiros para deficientes, ressaltando a importância de manter esses espaços disponíveis para aqueles que realmente necessitam.

“[...] vivenciei só uma situação que eu não gostei muito, que eram pais ocupando os banheiros para deficientes, eu achava que não era legal [...] eu achava meio sem noção, mas no mais é só isso”. (Mãe 1)

Anaby (2018) em seu estudo relata que o ambiente pode ser considerado um ponto focal para intervenções emocionais que transcendem a mera acessibilidade física ou configuração arquitetônica. Essas intervenções abrangem não apenas aspectos físicos, mas também fatores modificáveis, como atitudes, dinâmicas sociais e estruturas institucionais. O trecho abaixo demonstra a consciência de um dos pais em relação a esta questão, ela enfatiza a importância de adaptar o ambiente às necessidades individuais dos pacientes, pois isso faz toda a diferença em sua experiência.

“[...] é o ambiente que tem que se adaptar às necessidades do paciente porque isso faz toda a diferença”. (Mãe 6)

Ao propor a criação de um ambiente inclusivo, é necessário ampliar o olhar para além das crianças, reconhecendo a importância de envolver todos os participantes do contexto educacional. A inclusão vai além da mera presença física, implica em perceber e acolher as necessidades individuais de cada participante, promovendo uma colaboração mútua em um ambiente pautado pela confiança, cuidado e reflexão. Construir um espaço onde a diversidade seja valorizada não é negar as dificuldades de interação e os preconceitos existentes, mas sim reconhecê-los e refletir sobre suas origens, buscando formas de superá-los. Isso é essencial para promover uma cultura inclusiva que atenda às necessidades de todos os envolvidos no processo educacional, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Sekkel, 2003).

2. A interação com as outras crianças

Segundo os pais entrevistados, percebe-se uma variedade de percepções em relação à interação social durante as atividades. As análises indicam que, para alguns pais, as atividades em si parecem não promover significativamente a interação entre as crianças.

“[...] as atividades em si não promovem muito essa questão da interação social, a não ser o início que tem apresentação, mas depois a interação é mais com a gente mesmo que tá segurando a criança”. (Mãe 1)

Durante os primeiros anos de vida, as crianças têm uma tendência natural de interagir mais com adultos familiares, especialmente seus pais. Essa preferência reflete a dependência inicial das crianças dessas figuras de apego conhecidas nos estágios iniciais do desenvolvimento. Assim, um segundo motivo para a dificuldade de interação levantada pelos pais, foi a idade das crianças, a maioria ainda bebês.

“[...] não sei se é pelo fato da idade dele, é uma criança que interage menos”. (Mãe 3)

“[...] no projeto geralmente são crianças menores, então não tem tanta interação nenhuma com outra criança”. (Pai 4)

“[...] interage bastante, mas ainda é um pouquinho assim nervosa”. (Mãe 5)

Considerando a faixa etária dos lactentes, muitas atividades do projeto enfatizam principalmente o fortalecimento do vínculo entre a criança e o cuidador ali presente. De acordo com uma pesquisa feita por Kalleson, Jahnsen e Østensjø (2021), com cinquenta e seis crianças, com o objetivo de explorar a participação em ambientes de atividades da vida real entre crianças pequenas com PC durante os primeiros anos e em relação à função motora e ao empoderamento familiar, os autores concluíram que as interações dentro do ambiente familiar desempenham um papel crucial na formação das bases do conhecimento e das habilidades necessárias para futuras interações sociais e atividades individuais mais complexas. Essa fase de interação primária com os pais é um importante precursor para as interações futuras com pares, ou seja, com outras crianças. À medida que as crianças amadurecem e ganham confiança em suas habilidades sociais e cognitivas, começam a buscar interações com seus pares, ampliando assim seu repertório de experiências sociais e aprendizado.

Nota-se que o cenário aquático estabelece um espaço no qual é imprescindível a presença de outro adulto para garantir a segurança, facilitar as oportunidades de aprendizado/entretenimento e conduzir a adaptação da criança ao ambiente desconhecido (Chicon *et al.*, 2014; Pereira; Almeida, 2017). Entretanto, os bebês aprendem por meio da observação e da experimentação das ações de seus pares. Em vez de conceber a aprendizagem como um objetivo final a ser alcançado, é mais apropriado vê-la como um processo dinâmico de percepção e ação, no qual a imitação desempenha um papel crucial. Ao observar as ações de outros, os bebês percebem como essas ações afetam o ambiente ao seu redor, seja produzindo um som ou movendo um objeto. Essas observações abrem novas possibilidades de interação, como a imitação, que permite aos bebês reproduzir esses efeitos em seu próprio ambiente (Moura; Souza; Amorim, 2020).

“[...] vê uma criança fazendo uma coisa e quer fazer igual, e assim vai indo”. (Mãe 2)

Assim observa-se a partir do trecho destacado acima que as crianças com desenvolvimento atípico interessam em imitar as outras, como fazem aquelas com desenvolvimento típico, destacando a importância da participação delas em projetos como este que visam possibilitar interação entre crianças com desenvolvimento típico e atípico.

3. Facilitadores na participação

Os pais foram questionados sobre suas impressões em relação aos monitores e todos destacaram qualidades positivas, enfatizando que eles se esforçam ao máximo para garantir o sucesso na participação dos seus filhos, visando maximizar os benefícios em todas as áreas abordadas. Além disso, o suporte oferecido aos familiares foi mencionado como um aspecto positivo.

“[...] o amor e carinho é surreal, só quem presencia e vive aquilo que sabe”. (Mãe 2)

A presença de uma rede de apoio, formada por pais e professores, desempenha um papel fundamental ao motivar o envolvimento das crianças com deficiência em atividades recreativas e de lazer. A motivação dessas crianças é influenciada pela interação entre seu desejo intrínseco de participar e o ambiente que as cerca. Esse impulso psicológico é diretamente ligado à melhoria na comunicação e ao aumento do prazer e da persistência em atividades desafiadoras para as crianças (Majnemer *et al.*, 2010).

O estudo conduzido por Majnemer *et al.* (2010) relata que o suporte fornecido pelos monitores desempenha um papel crucial, pois pode influenciar diretamente a experiência das atividades. A presença de indivíduos que encorajam e apoiam contribui para aspectos como persistência e engajamento. Além disso, a frequência e a qualidade dos fatores ambientais, como o apoio dos pais, o interesse dos colegas e o suporte dos monitores, são determinantes para a participação das crianças com deficiências em atividades. Portanto, é imprescindível que o ambiente em que a criança se encontra seja propício para a exploração livre, levando em consideração suas preferências individuais e possibilitando interações próximas com familiares e outros para um suporte adequado durante a participação nas atividades (Menezes; Curi; Jurdi, 2024).

“[...] eu acredito que a maioria das monitoras, elas são muito solícitas, [...] Os pais, de uma maneira geral, também, são muito educados [...] perguntaram pra gente o que gostaria de trabalhar, o que gostaria que a criança desenvolvesse melhor, [...] se tivesse um olhar mais individual em relação às necessidades dela, eu acho que com certeza melhoraria bastante”. (Mãe 1)

“[...] eu tenho uma ajuda boa, tanto dos monitores quanto dos outros pais também, lá é um trabalho em conjunto [...] se eu tivesse uma ajuda maior dos monitores [...] eu acho que seria melhor, porque às vezes eu sozinha fico com medo de deixar ele tombar dentro da piscina”. (Mãe 3)

É possível considerar que estabelecer um bom relacionamento e promover a troca de informações entre os monitores pode ser um elemento crucial para favorecer o processo de reabilitação. Essa comunicação constante possibilita que a equipe profissional adquira um entendimento mais completo de cada paciente, permitindo assim que ofereçam um serviço abrangente que leve em consideração todos os aspectos da criança, independentemente de sua área de atuação.

4. Como os outros pais e crianças reagem

Os relatos dos pais revelam uma variedade de experiências em relação à maneira como a comunidade reage às crianças com deficiência. Enquanto alguns pais observam que algumas pessoas parecem ficar um pouco desconfortáveis diante da diferença, mas ainda assim tentam ser educadas e respeitadas, outros expressam gratidão por nunca terem enfrentado situações de afastamento ou discriminação. Alguns pais relatam que não perceberam diferenças significativas no tratamento recebido por seus filhos, enquanto outros mencionam que a deficiência de suas crianças parecia passar despercebida pelos outros pais.

“[...] graças a Deus nunca precisei me afastar de ninguém, [...] nunca percebi, assim nunca fez diferença não”.
(Mãe 2)

“[...] eu nunca notei nenhuma diferença que eu possa estar relatando, para mim é tudo normal”. (Mãe 3)

Há uma tendência cultural favorável à inclusão de crianças com deficiência, embora isso não signifique a erradicação completa do preconceito, o qual pode se manifestar de diferentes formas, incluindo uma forma de discriminação que aparenta ser positiva. Como observado no trecho abaixo:

“[...] eu acho que eles tentam ser bem educados, eles percebem que ela é diferente [...] e eu vejo que tem umas pessoas que ficam um pouco sem graça, mas tentam ser educados até para mais, não trata como uma criança típica”. (Mãe 1)

Tanto a discriminação positiva quanto a negativa são barreiras que impedem a verdadeira interação com o outro. Para enfrentar os preconceitos, é necessário confrontar nossas próprias fragilidades e medos, algo que só é viável em um ambiente acolhedor e inclusivo, onde o isolamento possa ser superado (Sekkel, 2010).

A falta de compreensão e as atitudes individuais dentro da comunidade podem representar uma barreira significativa para a participação das crianças em atividades de lazer e esportes. O não conhecimento sobre as diferentes condições pode levar ao constrangimento e à exclusão das crianças com necessidades especiais. Alguns pais podem não estar preparados para lidar com as diversidades e integrar seus filhos em atividades físicas não segregadas. Essas atitudes podem dificultar o acesso das crianças com deficiências a oportunidades de lazer e esportivas inclusivas (Longo *et al.*, 2020).

“[...] eu não sentia diferença no tratamento porque eu acho que os pais nem chegavam a perceber que ela tinha alguma deficiência”. (Mãe 6)

Na pesquisa de Longo *et al.* (2020), com 16 crianças objetivando explorar como crianças e adolescentes com PC vivenciam a participação em atividades de lazer e identifica facilitadores, bem como problemas ou barreiras que afetam a participação, os autores concluíram que é essencial desenvolver uma cultura inclusiva em toda a comunidade. Isso implica em promover mudanças positivas nos

comportamentos e atitudes das crianças, professores e colegas, reconhecendo obstáculos e promovendo a inclusão em atividades de lazer. Ademais, é importante oferecer orientações aos pais sobre as condições e recursos disponíveis que possam auxiliar tanto a família quanto a criança. Um ambiente acolhedor, receptivo e divertido para crianças com deficiência é fundamental para garantir sua integração plena e participação ativa na comunidade.

5. Envolvimento da criança de forma integrada e igualitária

As diferentes percepções dos pais sobre o envolvimento das crianças nas atividades destacam a complexidade e a individualidade do processo de participação. Enquanto alguns pais reconhecem as limitações de seus filhos e buscam adaptar as atividades para atender às suas necessidades específicas, outros observam que o envolvimento pode variar dependendo do estado de saúde e disposição da criança em determinado dia. No entanto, uma preocupação comum entre os pais é a sensação de que seus filhos podem não ter as mesmas oportunidades de participação que outras crianças devido às suas limitações. Como observados nos trechos a seguir:

“[...] de forma geral é de maneira igualitária, mas pensando que tem algumas coisas que ela não consegue fazer [...] mas a gente tenta adaptar à atividade”. (Mãe 1)

“[...] às vezes sim e às vezes não [...] depende muito do dia de como ele estiver, se está bem de saúde”. (Mãe 3)

“[...] não porque pelas limitações dela ela não podia fazer tudo o que os outros faziam, [...] ela nunca vai poder aproveitar igual à outra criança em situação nenhuma”. (Mãe 6)

Neste estudo, as dimensões de Função Corporal e Estruturas da CIF emergiram como elementos relevantes nas experiências das crianças em relação à participação em atividades de lazer. A não participação igualitária, na percepção dos pais, vem pela própria limitação da criança e não pelo ambiente físico e atitudinal.

De acordo com o estudo, é perceptível o comprometimento em seguir ações que abordem as necessidades de forma funcional e abrangente, levando em consideração as particularidades de cada caso e tipo de deficiência, com foco especial nas necessidades e potencialidades individuais. Porém, é importante

reconhecer que, apesar dos esforços em prol da inclusão, existem desafios e limitações que precisam ser enfrentados para garantir que todas as crianças tenham oportunidades significativas de participação em todas as áreas da vida social, como educação, trabalho, saúde e lazer, independentemente de suas habilidades ou necessidades específicas (Bataglion; Marinho, 2016).

O ambiente pode ser um apoio ou uma barreira para a participação de crianças com deficiência. A capacidade de resposta sensorial a características físicas, como ruído, luz, ou temperatura, foi descrita como uma barreira à sua participação (Gabriels *et al.*, 2008). Com isso é necessária uma organização do espaço físico que permita às crianças com desenvolvimento atípico se situarem, se locomoverem e se orientarem no ambiente sem correr riscos de qualquer forma. O conhecimento dos profissionais sobre os fatores contextuais que influenciam a participação permite que eles direcionem os familiares, incluindo suportes sociais (Menezes; Curi; Jurdi, 2024).

Indo em acordo com este pensamento em uma fala de um dos pais é relatado que o ambiente deve se adaptar às crianças e não à criança ao ambiente, isso implica que, para a participação efetiva em uma comunidade é necessário adaptar o ambiente a essa criança.

“[...] uma coisa que aprendi [...] é que não é a criança que tem que se adaptar ao ambiente, é o ambiente que tem que se adaptar a ela” (Mãe 6).

6. Impacto no desenvolvimento cognitivo, linguagem e motor

Os pais destacaram os benefícios observados no desenvolvimento de seus filhos após participarem das atividades aquáticas. Eles notaram melhorias significativas na função motora, como sustentação do tronco e pescoço, bem como no desenvolvimento geral da mobilidade e coordenação. Como observado nos trechos abaixo:

“[...] a piscina em si, é a principal atividade que teve um resultado grande, principalmente na função motora dela, relacionado a sustentação do tronco, sustentação do pescoço [...] fazer as atividades propostas e atividades além, foi o que mais melhorou no desenvolvimento do tronco dela”. (Mãe 1)

“[...] desenvolveu muito, [...] creio que se ele tivesse até hoje ele estaria andando, o apoio e desenvolvimento daí são perfeitos”. (Mãe 2)

“[...] a parte motora, eu reparei que melhorou bastante [...] depois que a gente está fazendo o projeto, ele está um bebe mais firme”. (Mãe 3)

“[...] desenvolveu bastante, ela já engatinha e tudo, antes ela não engatinhava sozinha, [...] tinha um dos braços que ela não mexia e hoje em dia já mexe tranquilo”. (Mãe 5)

Segundo Prada (2022), a prática da natação é uma atividade física que proporciona uma variedade de vantagens para o desenvolvimento motor das crianças. Através da natação regular, elas têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades motoras essenciais, bem como fortalecer sua coordenação, força muscular e equilíbrio. No entanto, também há ganhos em outros aspectos do desenvolvimento.

“[...] foi fundamental, acho que foi uma fase muito crucial do desenvolvimento dela”. (Mãe 6)

Silva (2019) diz que no âmbito intelectual, podem-se destacar melhorias na capacidade de atenção, desenvolvimento global da personalidade, habilidade para enfrentar desafios, descoberta dos limites e potencialidades corporais, expressão de sentimentos por meio da linguagem corporal, progresso na afetividade, fortalecimento das habilidades sociais, estímulo à criatividade e valorização da própria imagem corporal.

Ademais, Pereira (2009) relata que a cognição está intimamente ligada à atividade motora durante os primeiros anos de vida. Portanto, os programas de intervenção motora devem oferecer uma variedade de atividades adequadas ao desenvolvimento, permitindo aos participantes explorar de várias maneiras. A estimulação aquática se destaca por proporcionar aos bebês a oportunidade de experimentar movimentos em um ambiente diferente, onde podem executar ações que não seriam possíveis em terra firme. Nesse meio, os bebês precisam ajustar diferentes aspectos do movimento, o que contribui para seu desenvolvimento motor e cognitivo.

7. Impacto no comportamento afetivo-social

As emoções desempenham um papel crucial na aprendizagem, pois as pessoas de todas as faixas etárias, incluindo crianças, adolescentes, adultos e idosos, buscam naturalmente atividades e ocupações que lhes proporcionem bem-estar. Por outro lado, tendem a evitar aquelas que causam desconforto ou mal-estar (Fonseca, 2016).

Os pais entrevistados neste estudo identificaram uma mudança positiva no comportamento de suas crianças, conforme observado nos trechos abaixo.

“[...] ele está mais tranquilo, eu creio comigo”. (Mãe 2)

“[...] o principal que eu observo é essa questão de ficar mais tranquilo, a interação continua a mesma [...] ele fica mais calmo quando faz trabalho na água no geral”. (Pai 4)

“[...] agora ela está em uma fase mais agressiva, mais agitada e pode ser por vários fatores inclusive a falta desse exercício [...] acho que sim, que pode ter a ver sim”. (Mãe 6)

Observa-se que os pais relataram uma percepção de maior tranquilidade nas crianças, o que, por sua vez, resultou em uma maior capacidade de aproveitar as aulas e alcançar marcos importantes no desenvolvimento. A utilização da fisioterapia aquática em bebês é amplamente tolerada devido à sua segurança comprovada e aos benefícios positivos observados. Estudos demonstraram que essa técnica pode resultar na redução da dor, na melhoria da qualidade do sono e relaxamento muscular. Esses resultados são alcançados através da redução da sensibilidade das terminações nervosas, juntamente com o aumento da circulação sanguínea. Esse aumento do fluxo sanguíneo não apenas beneficia os músculos, incluindo os respiratórios, mas também promove uma maior capacidade vital, contribuindo assim para o bem-estar e conforto dos indivíduos. Durante as sessões, os recém-nascidos tendem a exibir maior tranquilidade, reduzindo o choro e apresentando olhos mais abertos, além de movimentos corporais mais suaves (Rambo *et al.*, 2019; Valizadeh *et al.*, 2017).

8. Vínculo afetivo

As declarações dos pais enfatizam a importância não apenas para o desenvolvimento das crianças, mas também para o fortalecimento dos laços familiares. Eles destacam que o projeto proporciona momentos de qualidade dedicados exclusivamente às crianças, promovendo um ambiente descontraído e propício para o fortalecimento dos vínculos familiares. Além disso, ressaltam a importância do contato físico proporcionado e como isso contribui para uma experiência positiva.

“[...] o nada melhor ele proporciona que eu dê uma atenção de qualidade só para ela, então é um momento divertido, todo mundo está relaxado, então eu acho que esse vínculo aumenta muito”. (Mãe 1)

“[...] ajudou demais [...] porque tinha que ter aquele contato, e isso é maravilhoso”. (Mãe 2)

“[...] ele tinha um pouco de receio de entrar na água, [...] a gente acaba descobrindo um jeito melhor de entrar [...] é importante”. (Pai 4)

“[...] foi bem efetivo a gente ficou mais próximas”.
(Mãe 5)

Em um estudo de Bataglion e Marinho (2016) com 16 familiares do sexo feminino, e objetivo de verificar a percepção de familiares sobre as atividades lúdicas desenvolvidas durante reabilitação de crianças com deficiência em uma instituição de saúde pública de Florianópolis (SC), é relatado que o fortalecimento do vínculo entre pais e filhos é um processo complexo que demanda compreensão, cuidado, desejo e paciência, entre outros aspectos, e não ocorre de forma instintiva. É crucial destacar que a falta ou insuficiência de cuidado materno pode ter impactos significativos na saúde emocional da criança. Especificamente em famílias com crianças com necessidades educacionais especiais, os membros enfrentam uma série de adaptações e mudanças, muito mais do que em famílias com crianças típicas. A qualidade de vida dessas famílias é fundamental para o desenvolvimento de todos os envolvidos, e as emoções e sentimentos dos pais têm repercussões diretas na interação familiar. Durante o projeto, há uma intensa interação direta com

os pais, o que contribui para fortalecer o vínculo familiar, especialmente devido ao apoio e conforto oferecidos.

“[...] não acho que o nada melhor tenha feito assim com que eu tenha tido um vínculo maior por estar no “Nada Melhor”, porque eu continuo com ela 24 horas como antes”.
(Mãe 6)

Por outro lado, uma fala de um pai ressalta a intensidade do envolvimento parental no cuidado de seus filhos, particularmente quando se trata de crianças com deficiência. Os pais dedicam um tempo significativo a lidar com as limitações de seus filhos e testemunham de perto as dificuldades enfrentadas, muitas vezes se sentindo desafiados pelos obstáculos aparentemente insuperáveis apresentados pela condição de seus filhos. Além disso, as mães de crianças com deficiência frequentemente estabelecem relações de co-dependência com seus filhos, dedicando-se completamente à prestação dos cuidados necessários. Essa dinâmica reflete a profunda conexão emocional entre pais e filhos, assim como os desafios e sacrifícios que enfrentam no dia a dia (Oliveira; Poletto, 2015).

CONCLUSÃO

Dada à importância da participação na comunidade, o presente estudo procurou conhecer a opinião e a vivência de pais de crianças com desenvolvimento atípico sobre a experiência e participação de suas crianças dentro de um projeto de estimulação aquática para crianças pequenas. Foram apontados aspectos importantes, como barreiras e facilitadores na participação destas crianças. A partir da percepção dos pais foi possível detectar benefícios no desenvolvimento global, com destaque para o motor grosso, e o vínculo afetivo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Cristina Barreto Fernandes de. **Desenvolvimento de Conceitos Científicos em Crianças com Deficiência Mental**. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.

ADAIR, Brooke; ULLENHAG, Anna; KEEN, Deb; GRANLUND, Mats; IMMS, Christine. The effect of interventions aimed at improving participation outcomes for children with disabilities: a systematic review. **Developmental Medicine & Child Neurology**, [S.L.], v. 57, n. 12, p. 1093-1104, 24 maio 2015. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/dmcn.12809>.

ANABY, Dana. Towards a new generation of participation-based interventions for adolescents with disabilities: the impact of the environment and the need for individual :based designs. **Developmental Medicine & Child Neurology**, [S.L.], v. 60, n. 8, p. 735-736, 24 mar. 2018. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/dmcn.13749>.

Bardin L. Análise de conteúdo. 6. ed. São Paulo: Edições 70; 2011. p. 229.

BARROS, Sibely Karina da Silva Nogueira de. **Treinamento de Habilidades Sociais para Pais de Crianças com Queixas Escolares**. 2008. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2989/1849.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BATAGLION, Giandra Anceski; MARINHO, Alcyane. Familiares de crianças com deficiência: percepções sobre atividades lúdicas na reabilitação. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 21, n. 10, p. 3101-3110, out. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152110.19232016>.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 272 p.: il. – (Cadernos de Atenção Básica, nº 33) Brasília, Ministério da Saúde, 2012. Acesso em: 20 mar. 2024.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p. Acesso em: 20 mar.2024.

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem [Internet]. 1st ed. Livro CB do, editor. São Paulo: Fundação Maria Cecília Vidigal; p. 1-14, 2014. Acesso em: 20 mar.2024

CHICON, José Francisco; SÁ, Maria Maria das Graças Carvalho Silva; FONTES, Alayne Silva. Natação, Ludicidade e Mediação: a inclusão da criança autista na aula. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 0-0, 31 dez. 1969. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/2674-8681.2014.v15n1.3797>.

FONSECA, Vitor da. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. psicopedag.**, São Paulo , v. 33, n. 102, p. 365-384, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 abr. 2024.

GABRIELS, Robin L.; AGNEW, John A.; MILLER, Lucy Jane; GRALLA, Jane; PAN, Zhaoxing; GOLDSON, Edward; LEDBETTER, James C.; DINKINS, Juliet P.; HOOKS, Elizabeth. Is there a relationship between restricted, repetitive, stereotyped behaviors and interests and abnormal sensory response in children with autism spectrum disorders? **Research In Autism Spectrum Disorders**, [S.L.], v. 2, n. 4, p. 660-670, out. 2008. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.rasd.2008.02.002>.

GODOY, A.S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Adm. Emp.* v.35, n.3, p.20-29, 1995.

IMMS, Christine; FROUDE, Elspeth; ADAIR, Brooke; SHIELDS, Nora. A descriptive study of the participation of children and adolescents in activities outside school. **Bmc Pediatrics**, [S.L.], v. 16, n. 1, p. 0-0, 8 jul. 2016. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1186/s12887-016-0623-9>.

KALLESON, Runa; JAHNSEN, Reidun; ØSTENSJØ, Sigrid. Exploring participation in family and recreational activities among children with cerebral palsy during early childhood: how does it relate to motor function and parental empowerment?. **Disability And Rehabilitation**, [S.L.], v. 44, n. 9, p. 1560-1570, 21 mar. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09638288.2021.1894608>.

Khan I, Leventhal BL. **Developmental Delay**. [Updated 2023 Jul 17]. In: StatPearls [Internet]. Treasure Island (FL): StatPearls Publishing; 2024 Jan-. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK562231/>

LONGO, Egmar; REGALADO, Isabelly Cristina Rodrigues; GALVÃO, Elida Rayane Viana Pinheiro; FERREIRA, Haryelle Nárima Confessor; BADIA, Marta; BAZ, Begonã Orgaz. I Want to Play: children with cerebral palsy talk about their experiences on barriers and facilitators to participation in leisure activities. **Pediatric Physical Therapy**, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 190-200, jul. 2020. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/pep.0000000000000719>.

MAJNEMER, Annette *et al.* Level of motivation in mastering challenging tasks in children with cerebral palsy. **Developmental Medicine & Child Neurology**, [S.L.], v. 52, n. 12, p. 1120-1126, 12 nov. 2010. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1469-8749.2010.03732.x>.

MARINO, Erica di *et al.* The effect of child, family and environmental factors on the participation of young children with disabilities. **Disability And Health Journal**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 36-42, jan. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.dhjo.2017.05.005>.

MCMANUS, Beth M.; KOTELCHUCK, Milton. The Effect of Aquatic Therapy on Functional Mobility of Infants and Toddlers in Early Intervention. **Pediatric Physical Therapy**, [S.L.], v. 19, n. 4, p. 275-282, 2007. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/pep.0b013e3181575190>.

MENEZES, Ilma; CURI, Haidar Tafner; JURDI, Andrea Perosa Saigh. Barreiras e facilitadores ambientais na participação da criança com paralisia cerebral em atividades de recreação e lazer: uma revisão integrativa. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S.L.], v. 32, 2024. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2526-8910.ctoar278236231>.

MOURA, Gabriella Garcia; SOUZA, Gisele Mathias de; AMORIM, Kátia de Souza. Infants' peer interaction in institutional foster care service. **Journal Of Human Growth And Development**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 09-23, 27 mar. 2020. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.v30.9975>.

OLIVEIRA, Isaura Gisele de; POLETTO, Michele. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 102-119, 2015.

PEREIRA, Deyliane Aparecida de Almeida; ALMEIDA, Angélica Leal de. 79Revista Educação Especial em Debate | v. 2 | n. 04 | p. 79-91| jul./dez.2017Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/REED/article/view/17822>PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO DECRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA À NATAÇÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO. **Revista Educação Especial em Debat**, Minas Gerais, v. 2, n. 4, p. 79-91, dez. 2017.

PEREIRA, Keila Ruttnig Guidony. **Atividades aquáticas para bebês**: influência no desenvolvimento motor. 2009. 73 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PRADA, Luigi de Oliveira. **Natação Infantil para crianças de 03 a 06 anos**: a relação entre o ensino-aprendizagem do professor e a expectativa dos pais. 2022. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2022.

RAMBO, Daniela Cristina; SOUZA, Amanda Quadros de; KRUEL, Cristina Saling; FILIPPIN, Nadiesca Taisa. Fisioterapia aquática aplicada em recém-nascidos e crianças: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [S.L.], v. 0, n. 30, p. 0-0, 31 ago. 2019. Revista Eletronica Acervo Saude. <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e728.2019>.

ROSENBAUM, P.; GORTER, J. W.. The 'F-words' in childhood disability: i swear this is how we should think!. **Child: Care, Health and Development**, [S.L.], v. 38, n. 4, p. 457-463, nov. 2011. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2214.2011.01338.x>.

SANTOS, F. M. dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI: 10.14244/%19827199291. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 2 abr. 2024.

SANTOS, F. M. dos. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012. DOI:

10.14244/%19827199291. Disponível em:
<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291>. Acesso em: 8 abr. 2024.

SÁTYRO, Natália Guimarães Duarte; D'ALBUQUERQUE, Raquel Wanderley. O que é um Estudo de Caso e quais as suas potencialidades. **Sociedade e Cultura**, v. 23, 18 maio 2020. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/sec.v23i.55631>.

SEKKEL, Marie Clarie. **A construção de um ambiente inclusivo na educação infantil**: relato e reflexão sobre uma experiência. 2003. 2018 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SEKKEL, Marie Claire; ZANELATTO, Raquel; BRANDÃO, Suely de Barros. Ambientes inclusivos na educação infantil: possibilidades e impedimentos. **Psicologia em Estudo**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 117-126, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722010000100013>.

SILVA, Tiago de Souza. **Benefícios da natação para o desenvolvimento infantil**. 2019. 49 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019

SOUTO, Deisiane Oliveira; SA, Cristina dos Santos Cardoso de; MACIEL, Flaviana Kelly de Lima; VILA-NOVA, Fabio; SOUZA, Mariane Gonçalves de; FERREIRA, Rafaela Guimarães; LONGO, Egmar; LEITE, Hércules Ribeiro. I Would Like to Do It Very Much! Leisure Participation Patterns and Determinants of Brazilian Children and Adolescents With Physical Disabilities. **Pediatric Physical Therapy**, [S.L.], v. 35, n. 3, p. 304-312, 24 abr. 2023. Ovid Technologies (Wolters Kluwer Health). <http://dx.doi.org/10.1097/pep.0000000000001019>.

SPINAZOLA, Cariza de Cássia *et al.* Crianças com Deficiência Física, Síndrome de Down e Autismo: comparação de características familiares na perspectiva materna na realidade brasileira. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S.L.], v. 24, n. 2, p. 199-216, abr. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000200004>.

Turato ER. Decidindo quais indivíduos estudar. In: Turato ER. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes. 2003:351-68

VALIZADEH, Leila; SANAEFFAR, Mahna; HOSSEINI, Mohammad Bager; JAFARABADI, Mohammad Asgari; SHAMILI, Aryan. Effect of Early Physical Activity Programs on Motor Performance and Neuromuscular Development in Infants Born Preterm: a randomized clinical trial. **Journal Of Caring Sciences**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 67-79, 1 mar. 2017. Maad Rayan Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.15171/jcs.2017.008>.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424